

## SAUSSURE E OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO SÉCULO XX: LINGÜÍSTICA APLICADA

**COSTA, Hilda Rodrigues da (UFG)**

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações.

Ferdinand de Saussure

Por décadas, a crença de que a história é linear e ordenada fora defendida como uma verdade una, sem qualquer tipo de questionamento por parte do homem, ou melhor, por parte das sociedades que integram o mundo. Mantendo na obscuridade as visões alternativas sobre a construção desse mundo, adotando um caminho linear e ascendente de progresso. Entretanto, esta verdade passou a ser questionada pelo próprio homem, como afirma Pennycook (1998, p.35-36) “a noção de um sujeito uno, racional, cartesiano, capaz de conhecer a si mesmo e a outros objetos, também se tornou altamente questionável”, suscitando dúvidas quanto à natureza dos modos de investigação.

O modo de pensar a história, ou melhor, de fazer história já não é o mesmo de outrora, e a língua permeará as formações discursivas de determinada época, influenciando, manifestando, materializando, cristalizando o discurso, ao longo do tempo, refletindo e refratando as sociedades através da regularidade de uma prática.

Nesse sentido, apoiados nos conceitos de sincronia, de diacronia e do signo lingüístico, fizemos um breve recorte historiográfico da Lingüística no século XX.

Para assegurar nossa exposição, partiremos primeiramente do conceito de historiografia lingüística que, segundo Nascimento (2002), é uma maneira de reescritura de fatos da língua, por meio de princípios como a contextualização, a imanência e a adequação teórica, considerando a investigação das idéias e opiniões da época em que o documento ou objeto de investigação foi constituído, possibilitando ao historiógrafo reatualizar o documento através de um processo de descrição e interpretação, desvendando, revelando e sistematizando suas interações. É partindo deste princípio que se torna essencial o uso da historiografia como mecanismo de contextualização dos elementos que se agruparam para tornar possível o surgimento de um sistema lingüístico, em uma determinada língua.

### **1. As contribuições de Saussure para os estudos lingüísticos: Sincronia e Diacronia.**

Estabelecer uma ciência implica, acima de tudo, desafios a serem ultrapassados, os quais geram dúvidas e incertezas, ao mesmo tempo em que devem ser superadas. O que não foi diferente com a Lingüística, pois os estudos sobre a linguagem e as línguas, ao longo do tempo ultrapassaram o horizonte lingüístico, buscando em outras ciências humanas aparatos para o seu desenvolvimento e, conseqüentemente, contribuindo como modelo para outras disciplinas quanto ao estudo da linguagem. Segundo Saussure (1995, p. 13), “a lingüística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestado como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente”. Benveniste (2005, p. 4) afirma que, ao abirmos os olhos para a importância do perigo e dos efeitos que as atuais discussões podem ter para as demais disciplinas pertencentes às ciências humanas, seremos “tentados a pensar que as discussões sobre as questões de método em lingüística poderiam ser apenas o prelúdio de uma revisão que englobaria, finalmente, todas as ciências do homem”. Razão pela qual, devemos nos preocupar sobre os problemas que estão atualmente no centro das pesquisas da lingüística, bem como a noção que os lingüistas possuem sobre o seu objeto e a forma de administrar suas pesquisas.

Em 1916, três anos após a morte de Saussure, seus discípulos publicaram o *Curso de Lingüística Geral*, uma obra capaz de abrir novos caminhos para os estudos lingüísticos. Após noventa anos da publicação desta obra, o pensamento saussuriano ainda é digno de grande importância, influenciando não apenas o campo da Lingüística, mas também campos de estudos correlatos, os quais têm sua trajetória marcada pelo estruturalismo, representado na figura de Saussure. Tal importância é única na história do pensamento ocidental, revolucionando os estudos lingüísticos. Nesta mesma época começavam a emergir importantes estudos em Antropologia, Psicologia e Sociologia, dentre outras disciplinas que pertenciam ao mesmo campo de saber da Lingüística: o das ciências humanas. Entretanto, como podemos observar, Saussure (1995, p. 16-17) não desejava que o objeto da Lingüística fosse confundido:

Dessarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Lingüística. Sempre encontraremos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Lingüística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. –, que separamos claramente da Lingüística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos.

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: *é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.*

Para o autor, apenas a língua dentre tantas dualidades, parece-lhe suscetível de uma definição autônoma. Saussure (*Ibidem*, p. 18) afirma que

para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento, criado e fornecido, pela coletividade; não é, então ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem.

Entretanto, Saussure não poderia deixar de lado as contribuições dadas por seus antecessores como Humboldt<sup>1</sup> e Whitney aos estudos da linguagem. Ele percebe a importância destes estudos, bem como a falta de uma clareza metodológica capaz de atender as necessidades desta ciência no início do século XX.

Diante desta constatação, Benveniste (2005, p. 20) afirma que devemos começar a observar que a Lingüística possui um duplo objeto: a ciência da linguagem e a ciência das línguas, sendo a primeira faculdade humana, universal e imutável do homem; e a segunda particular e variável, no ato de sua realização. Mesmo o lingüista e a lingüística, tendo como objeto a língua, não podem exilar os estudos sobre a linguagem de seu contexto, pois ambas acabam por se entrelaçar, misturando-se, uma vez que os problemas das línguas colocam sempre em questão a linguagem.

Para compreendermos melhor como a “lingüística” emergiu no campo da ciência, apresentamos de forma resumida, as três fases da Lingüística descritas por Benveniste. Segundo o autor (2005, p. 20-21), a lingüística ocidental nasceu da filosofia grega, sendo que o interesse dos pensadores gregos pela língua era apenas filosófico – *a linguagem é natural ou convencional?* – esta seria a primeira fase da lingüística, a qual se estenderia até o século XVIII sem se preocupar em estudar ou descrever uma língua por ela mesma. Com

---

<sup>1</sup> Humboldt (1767-1835) é reconhecido como sendo o primeiro lingüista europeu a identificar a linguagem humana como um sistema governado por regras, e não simplesmente uma coleção de palavras e frases acompanhadas de significados. Por volta do século XVII, alguns estudiosos europeus estavam começando a interessar-se por questões gerais a respeito da língua, e entre os séculos XVII e XIX, estudiosos como Descartes, Locke e Humboldt deram contribuições significativas a esse estudo. Mas, com poucas exceções, esses autores não sabiam nada a respeito de línguas que não fossem as principais línguas européias, e seu trabalho foi prejudicado pela falta de dados, sendo conseqüentemente, especulativo e apriorístico. (TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004, p. 177)

a descoberta do sânscrito, no início do século XIX, uma nova fase se inicia, descobre-se a existência de uma relação de parentesco entre as línguas indo-européias, surge então a gramática comparada. Já no século XX, a Lingüística entra na sua terceira fase, com Ferdinand de Saussure e o *Curso de Lingüística Geral*, escrito por seus discípulos, Charles Bally, Albert Sechehaye e outros, em que se determina uma nova noção de língua, a qual cabe aos lingüistas estudar e descrever através de uma técnica adequada à realidade lingüística, de forma sincrônica, analisando a língua em seus aspectos formais próprios<sup>2</sup>.

Podemos observar que existe um esforço grandioso, por toda parte, em submeter a Lingüística a métodos mais rigorosos, na tentativa de afastá-la das construções subjetivas, do apriorismo filosófico. Segundo Benveniste (2005, p. 17),

Os estudos lingüísticos tornam-se hoje cada vez mais difíceis, exatamente por causa dessas exigências e porque os lingüistas descobrem que a língua é um complexo de propriedades específicas que devem ser descritas por métodos que é preciso forjar. São tão particulares as condições próprias da linguagem que se pode estabelecer como um fato que há não apenas uma, porém várias estruturas da língua, cada uma das quais possibilitaria uma lingüística completa. Tomar consciência disso ajudará, talvez, a ver claro dentro dos conflitos atuais. A linguagem tem, antes de tudo, algo de eminentemente distintivo: estabelece-se sempre em dois planos, significante e significado. O simples estudo dessa propriedade constitutiva da linguagem e das relações de regularidade ou de desarmonia que acarreta, das tensões e das transformações que daí resultam em toda língua particular poderia servir de fundamentos a uma lingüística. Entretanto, a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação. Uma outra lingüística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade. A linguagem pode também considerar-se como inteiramente contida dentro de um corpo de emissões sonoras articuladas que constituirão a matéria de um estudo estritamente objetivo. A língua será, pois, o objeto de uma descrição exaustiva que procederá por segmentação dos dados observáveis.

Assim, para compreender a língua, Saussure divide os estudos lingüísticos em dois campos: a sincronia e a diacronia, e ressalta que

[...] cada língua constitui praticamente uma unidade de estudo e nos obriga, pela força das coisas, a considerá-la ora estática ora historicamente. Apesar de tudo, não se deve esquecer que, em teoria, tal unidade é superficial, ao passo que a disparidade dos idiomas oculta uma unidade profunda. Ainda que no estudo de uma língua a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir os métodos. (SAUSSURE, 1995, p. 116)

E afirma:

As duas partes da Lingüística, assim delimitada, vão-se tornar sucessivamente o objeto do nosso estudo.

A *Lingüística sincrônica* se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

A *Lingüística diacrônica* estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (*Loc. Cit.*)

<sup>2</sup>

A novidade do enfoque saussuriano, que foi um dos que agiram mais profundamente, consistiu em tomar consciência de que a linguagem em si mesma não comporta nenhuma outra dimensão histórica, de que é sincronia e estrutura, e de que só funciona em virtude da sua natureza simbólica. (BENVENISTE 2005, p. 05)

Segundo Faraco (2005, p. 155), Saussure “fixou, em seu projeto teórico, uma rígida separação metodológica entre o estudo dos estados de língua (sincronia) e o estudo da mudança lingüística (diacronia), além de também estabelecer a precedência do estudo sincrônico sobre o diacrônico”. Tais orientações tiveram um forte impacto sobre os caminhos trilhados pela Lingüística do século XX, sendo hegemonicamente sincrônica. Entretanto, a divisão rígida proposta por Saussure fora objeto de constantes discussões e estudos, entre autores como Coseriu, Herzog, Labov, Weinreich, Bakhtin (Voloshinov), dentre outros. Parafraseando Saussure, a língua é um sistema, sistema este em que todas as partes devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica.

## 2. O Estruturalismo

O final do século XIX ficou caracterizado como a época dos neogramáticos, à qual Saussure pertencia. A Universidade de Leipzig era o reduto desta geração de lingüistas, os estudos desse grupo de lingüistas, conforme Faraco (2004, p. 34), eram “o questionamento dos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa (principalmente seu descritivismo) e o estabelecimento de uma orientação metodológica e de um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança lingüística”. Tais questionamentos levam Saussure a um novo campo de pesquisa, o estudo da língua, sem deixar de lado as contribuições de Humboldt e Whitney, cujas idéias tiveram grande influência nos estudos lingüísticos do século XX. Podemos citar, como exemplo, Whitney, ao comparar as línguas a instituições sociais. Mesmo Saussure discordando de certos postulados de Whitney, suas idéias ainda são uma peça central na constituição dos estudos saussurianos por colocar a lingüística em seu verdadeiro eixo. Diante do crescente número de estudos sobre a lingüística, a qual tem como único e verdadeiro objeto a língua, sendo esta considerada em si mesma e por ela mesma. Tal princípio faz com que a lingüística torne-se autônoma, desvincilhando-se das concepções anteriores a ela.

Para Benveniste (2005, p. 9-10), a estrutura é

um dos termos essenciais da lingüística moderna, um dos que ainda têm valor programático. Para os que o empregam com conhecimento de causa, e não simplesmente para se porem na moda, por significar duas coisas bem diferentes. Entende-se por estrutura, particularmente na Europa, o arranjo de um todo em partes e a solidariedade demonstrada entre as partes do todo, que se condicionam mutuamente; para a maioria dos lingüistas americanos, será a distribuição dos elementos, tal como se verifica, e a sua capacidade de associação ou de substituição. A expressão *lingüística estrutural* recebe por isso diferentes interpretações; bastante diferentes, em todo caso, para que as operações decorrentes não tenham o mesmo sentido. Sob o nome de estrutura, um “blomfieldiano” descreverá uma organização de fato, que segmentará em elementos constitutivos, e definirá cada um destes segundo o lugar que ocupar no conjunto e segundo as variações e as substituições possíveis nesse mesmo lugar. [...] um estado de língua é antes de tudo o resultado de um certo equilíbrio entre as partes de uma estrutura, equilíbrio que, porém, não chega jamais a uma simetria completa, provavelmente porque a dissimetria está inscrita no próprio princípio da língua em decorrência da assimetria dos órgãos fonadores. A solidariedade de todos os elementos faz com que cada incidência sobre um ponto atinja todo o conjunto das relações e produza, mais cedo ou mais tarde, um novo arranjo. Daí, consistir a análise diacrônica em estabelecer duas estruturas sucessivas e em destacar-lhes as relações, mostrando-se que partes do sistema anterior eram atingidas ou ameaçadas e como se preparava a solução realizada no sistema ulterior.

O importante é que o objeto, neste caso a língua, é dotado de significação, portanto, é estruturado, sendo esta condição essencial ao funcionamento da língua.

Já na América, nas décadas de 1920 e 1950, os estudos lingüísticos cultivaram interesses bastante diversificados quanto à pesquisa, um trabalho de descrição e análise de grande valor para a lingüística, principalmente pelo interesse de se descrever as línguas indígenas do continente americano. Mesmo não reconhecendo a influência dos estudos saussurianos sobre as bases estruturalistas americanas, podemos

identificar tais princípios nos trabalhos de Leonard Bloomfield, tido como referência intelectual, ou melhor “pai do estruturalismo americano”.

Neste período, vários estudos estão sendo constituídos tanto na Europa quanto na América, a Lingüística passa a ter várias ramificações ou correntes lingüísticas como: Lingüística Histórica, Lingüística Estrutural, Lingüística Histórico-comparatista, Lingüística Descritiva, Lingüística Contrastiva, dentre outras. E da união de certos pesquisadores pertencentes a estas correntes emergem novos como a Lingüística Aplicada.

### 3. Saussure e a Lingüística Aplicada: breve histórico

Como mencionamos anteriormente, as contribuições da tendência do subjetivismo idealista, propostas por Humboldt para o estudo da linguagem no século XIX foram primordiais para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos no século XX, passando, assim, do subjetivismo idealista para o objetivismo abstrato, tendo como precursor Ferdinand Saussure, que “buscou fundar a ciência lingüística ancorando-se em uma nova forma de produzir conhecimento e, assim, forjou novas dimensões para o estudo da linguagem” (GREGOLIN, 2004, p. 20). Ao considerar a língua como uma instituição, Saussure viu-a no feixe de relações com outras ciências. E é exatamente essa busca pelas estruturas, pela organização, pela aplicação dos elementos que se relacionam e constituem um todo complexo e coerente, que levará Foucault a afirmar que “o estruturalismo não é um método novo; é a consciência desperta e inquieta do saber moderno” (GREGOLIN, 2004, p. 24). O que leva Foucault, mais tarde, em 1969, a apontar algumas dívidas que as ciências humanas têm com a ciência da linguagem como: a abordagem anti-empirista, a capacidade de generalização dos conceitos, a formalização das relações, a nova concepção de linguagem, a relação com a história e, principalmente, o discurso. Desse modo, a linguagem, a história e o discurso são partes essenciais de nosso trabalho, na constituição dos alicerces da Lingüística Aplicada.

Os estudos sobre a linguagem, ao fim do século XIX, já refletiam a necessidade de se definir teórica e epistemologicamente a área de Lingüística Aplicada (LA), sobretudo como uma demanda de independência da Lingüística, como “área de conhecimento de foro próprio” (CELANI, 1992, p. 15), que se perpetua ainda hoje. As primeiras definições de LA contribuíram, em princípio, para que seu caráter ‘aplicado’ recebesse tratamento inferior em relação ao que se considerava como ciência pura.

Foi na década de 1940 que a Lingüística Aplicada, na busca pela autonomia como área de conhecimento, começou a emergir, manifestando-se com maior intensidade durante o período da II Guerra Mundial (1939-1945) na Europa e, principalmente, nos Estados Unidos, sendo este fato histórico de certa forma responsável pela atribuição de cientificidade ao estudo da linguagem. Mediante a necessidade de realizar contatos com os aliados e inimigos falantes de outras línguas, o ensino de línguas passa a ser visto com outros olhos, com outras perspectivas, deixando de ser apenas um método cujo objetivo único era o de ensinar a ler.

Foram os lingüistas, os responsáveis pelos progressos realizados no ensino de línguas, durante a II Guerra Mundial, o que resultou em um vasto campo de estudo, pesquisa e produção de material teórico e prático, marcando assim a fase inicial do desenvolvimento da área, Lingüística Aplicada, nos anos posteriores, propagando-se rapidamente pelo mundo ocidental.

Em 1946, a Lingüística Aplicada já figurava no elenco de disciplinas da Universidade de Michigan, sendo dessa mesma época a criação do English Language Institute por Charles Fries (com estudos em L. descritiva) e Robert Lado (com estudos em L. Contrastiva). Entretanto, somente duas décadas mais tarde é que aparecem as Associações de Lingüística Aplicada na Europa, a Association Internationale de Linguistique Appliquée (AILA), em 1964, e a British Association of Applied Linguistics (BAAL), em 1966, e três décadas depois nos Estados Unidos, a American Association of Applied Linguistics (1977), na reunião anual da Teachers of English to Speakers of other Languages (TESOL).

No Brasil, em 1970, nasce o primeiro Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No entanto, somente após 20 anos, foi criada a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), em junho de 1990, a qual percorreu um extenso caminho, adquirindo assim uma identidade e um status próprios, gerando suas próprias teorias, embora continue pertencendo ainda a uma subárea, na taxonomia oficial das áreas de conhecimento. Isso se deve ao fato de encontrar certa resistência entre os pesquisadores, os profissionais da área, visto que parte deles ainda considera a LA como aplicação de teorias da Linguística, apesar de seu amadurecimento, como área de conhecimento, no campo das pesquisas que envolvem a linguagem e as demais áreas do conhecimento.

De acordo com Celani (2000, p. 20),

as pesquisas, até pouco tempo estavam mais voltadas para as questões de aquisição de linguagem, de metodologia de ensino de línguas ou de descrição lingüística, sem colocar os problemas em seu contexto social, político e econômico, sem se preocupar em examinar como as teorias de aprendizagem de línguas e as práticas pedagógicas, por exemplo estão ligadas a forças sociopolíticas mais amplas.

As discussões acerca de seus conceitos e métodos fazem parte das pesquisas desenvolvidas pela LA quanto ao uso da linguagem, as quais tentam afirmar seu caráter multidisciplinar, desmistificando a idéia de que essa disciplina refere-se apenas à aplicação da lingüística, abrangendo não somente a sala de aula, mas outros contextos sociais, ampliando assim, seu escopo. Entretanto, vale ressaltar que não se devem excluir as contribuições da ciência da linguagem, uma vez que os pilares da LA foram forjados a partir destas contribuições.

Bohn (1998) afirma que é difícil fazer uma distinção entre as duas ciências, a Linguística e a Linguística Aplicada, bem como traçar os elos de domínio e de influência de uma ciência na outra. Pois, a Linguística é certamente o fator unitário de maior influência na LA, entretanto, não é o único. Daí a relevância, de expor historiograficamente os caminhos trilhados pela LA em busca de sua autonomia.

Ao refletirmos sobre as condições de emergência da Linguística aplicada, pautadas por demandas sociais (“aplicadas”), permite-nos observar que, desde sempre, seu “objeto de investigação é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou estrangeira, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem” (MENEZES, 2008). Tais condições não apareceram de uma hora para outra, elas foram constituídas ao longo do tempo por relações discursivas anteriores, em determinados contextos, fazendo emergir o objeto do discurso e ao mesmo tempo delimitando, especificando de acordo com o seu espaço e sua lei de aparecimento, excluindo outros, sem modificar-se integralmente em relação a outras formações discursivas.

Signorini (2006, p. 99-100) afirma que

a Linguística Aplicada (LA) tem se configurado também, e cada vez mais, como uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças de diferentes disciplinas, não somente na área dos estudos da linguagem, como também na da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Pedagogia, da Psicanálise, entre outras. Nesse sentido, tem-se também constituído como uma área feita de margens, de zonas limítrofes e bifurcações, onde se tornam móveis as linhas de partilha dos campos disciplinares e são deslocados, reinscritos, reconfigurados, os constructos tomados de diferentes tradições e áreas do conhecimento.

Para a autora, são “os agenciamentos”, no sentido foucaultiano do termo, e “às clivagens produtoras de curto-circuitos” que dão passagem para novos e possíveis constructos, passando de instrumento a objeto de reflexão, sempre prontos a diferirem, a se modificarem, em função de questões e interesses novos e específicos. Tal processo pode se dar de forma transversal, em caminhos transdisciplinares de investigação, sendo estes caminhos poderosos catalisadores, responsáveis pelo desenvolvimento dos processos de deslocamento e reconfiguração no campo epistemológico, facilitando a melhor identificação e descrição dessa relação entre o objeto de investigação e a necessidade de novos instrumentos de reflexão.

Para Signorini (2006), o grande desafio de natureza teórico-metodológica, ao focar, por exemplo, processos de regulamentação e desregulamentação da língua implica fatores não somente lingüísticos, mas

sociais, políticos e culturais que corroboram para a legitimação do uso da linguagem numa sociedade dividida e hierarquizada como a nossa. Entretanto, devemos ressaltar que a Lingüística Aplicada não se constituiu essencialmente em interdisciplinar ou transdisciplinar por natureza. É a partir da década de 1980 que a LA vem conquistando gradualmente sua emancipação epistemológica em relação à Lingüística teórica.

Seu campo investigativo atualmente transcende o contexto educacional, ampliando seu campo de ação para além de suas fronteiras, onde haja problemas de interação da linguagem.

## Considerações finais

Entre dúvidas e incertezas, o caminho proposto por Saussure no *Curso de Lingüística Geral*, escrito por seus discípulos, após sua morte, foi traçado. Desde então, a Lingüística nunca mais fora a mesma. Pesquisas, questionamentos, discussões, análises, procedimentos foram instaurados por diversos pesquisadores lingüistas e não-lingüistas, os quais beberam da fonte, a Lingüística, seguindo os passos do mestre, ultrapassando os limites com outras ciências, tendo como objeto a língua em sua complexidade.

Este trabalho é apenas um grão de areia solto no universo lingüístico diante de uma obra tão importante, por isso decidimos fazer um pequeno recorte historiográfico, ressaltando a sincronia, a diacronia e o signo lingüístico, os quais consideramos serem os pilares dos estudos lingüísticos. Contudo, não podemos deixar de nos referir também aos estudos em Lingüística Aplicada, a qual dedicamos um lugar especial em nosso trabalho.

Com o objetivo de demonstrar alguns fundamentos que nortearam a Lingüística Aplicada e o seu diálogo com a Lingüística saussureana, pois, conforme Bohn, Celani, Vera Menezes e outros autores afirmam, fazer uma distinção entre as duas ciências, ou delimitar seus domínios e influências é algo quase impossível, pois a influência da Lingüística é grande sobre a LA. Todavia, não é única devido à expansão de seus domínios, de seu caráter transdisciplinar e a busca por sua autonomia como ciência.

## Referências bibliográficas

BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BOHN, H. I. Lingüística Aplicada. In: BOHN, H. I; VANDRESEN, P. (Orgs). *Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Santa Catarina: UFSC, 1988.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z. de e M. A. A. CELANI (org.). *Lingüística aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: Educ, 1992. p. 15-23.

\_\_\_\_\_. A relevância da lingüística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, I. M. B. (orgs.). *Aspectos de lingüística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

FARACO, C. A. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Lingüística. Revista da ANPOLL, número 2, p 45-70. Tradução Cristina Altman, 1996.

MENEZES, V. L. de O. P.. Sessenta anos de Lingüística aplicada: de onde viemos e para onde vamos. (prelo), 2008. Disponível em <http://www.veramenezes.com.br>. Acesso em 10 de maio de 2008.

NASCIMENTO, J. V.. *Bases teórico-metodológicas da historiografia lingüística*. São Paulo: PUC/SP, 2002. mimeografado.

PENNYCOOK, A. A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C (Orgs). *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 23-49.

SAUSSURE, F. de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, ed. 20, 1995. SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a lingüística aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. (Orgs) *Por uma lingüística aplicada Indisciplinar*. São Paulo, 2006, p. 169-190.